

Realização:



Projeto cofinanciado
pela União Europeia

RESISTÊNCIA QUILOMBOLA

VIDAS INTERROMPIDAS

um levantamento sobre as ameaças e assassinatos
contra quilombolas defensoras e defensores
de Direitos Humanos

CONAQ 2025



VIDAS INTERROMPIDAS

um levantamento sobre as ameaças e assassinatos
contra quilombolas defensoras e defensores
de Direitos Humanos

VIOLÊNCIA CONTRA QUILOMBOLAS DEFENSORAS E DEFENSORES DE DIREITOS HUMANOS (2019 - 2024)

CONTEXTO GERAL

A Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (CONAQ), por meio do projeto “Resistência Quilombola” – uma iniciativa desenvolvida em parceria com a Cooperazione per lo Sviluppo dei Paesi Emergenti (COSPE) – realizou o levantamento dos assassinatos de quilombolas defensoras e defensores de direitos humanos. **Nos dados sistematizados, considerou-se os crimes cometidos entre os anos de 2019 a 2024, período em que 46 assassinatos foram registrados.** Os números evidenciam tanto a gravidade da violência quanto a vulnerabilidade das comunidades e a urgência de políticas públicas efetivas de proteção e garantia de direitos.

Nesse material, apresentamos também um levantamento mais específico, com foco no **assassinato de mulheres quilombolas, considerando o recorte temporal entre os anos de 2008 e 2024.** Os números apresentados a partir desse viés nos permitem avaliar as particularidades da violência contra as mulheres quilombolas e compreender os desafios enfrentados por elas em seus territórios.

A construção dessa base de dados enfrentou enormes desafios, sobretudo porque o Estado brasileiro e suas instituições não reconhecem de forma sistemática, nos registros oficiais, quem são os quilombolas. Mesmo após a recente inserção da população quilombola no Censo de

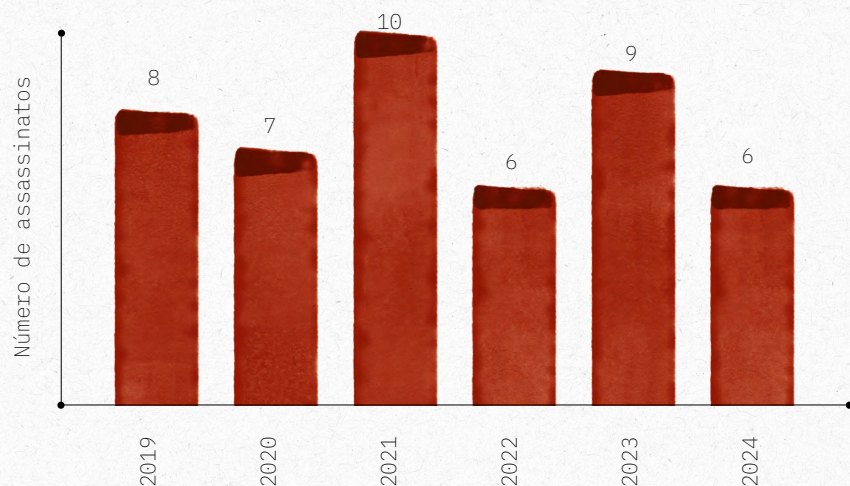
2022, esse recorte de identificação ainda não está sistematicamente presente em todas as instituições. Na prática, os sistemas de saúde, segurança pública e justiça não incluem em suas fichas e cadastros a opção de autodeclaração quilombola, tampouco dispõem de mecanismos eficazes de identificação. Como consequência, não existem dados que permitam reconhecer as pessoas quilombolas entre as vítimas de violência, o que reforça a invisibilidade. A ausência dessa informação dificulta a identificação das vítimas e exige um esforço de investigação muito maior das organizações quilombolas.

A CONAQ reafirma que os dados aqui sistematizados devem soar como um grito de alerta sobre a gravidade da situação vivida nos territórios quilombolas. Cada ameaça e cada assassinato exigem do Estado brasileiro um compromisso inadiável: garantir a vida dos quilombolas e assegurar a titulação de seus territórios. Cada vida interrompida é uma perda irreparável.

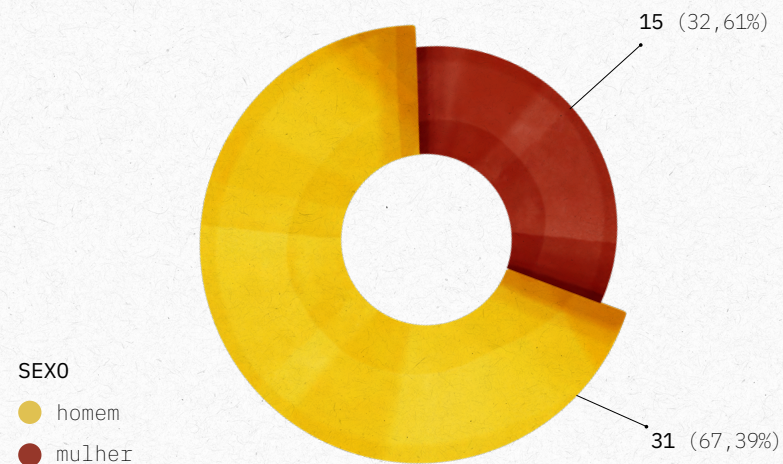
Observação: por questões de segurança e proteção das defensoras e defensores quilombolas, seus nomes e seus quilombos não foram identificados.

DADOS CENTRAIS

[GRÁFICO 1: ASSASSINATOS DE PESSOAS QUILOMBOLAS - JANEIRO DE 2019 A JULHO DE 2024]



[GRÁFICO 2: GÊNERO DAS VÍTIMAS - JANEIRO DE 2019 A JULHO DE 2024]



PERFIL DAS VÍTIMAS:

Os quilombolas assassinados tinham em média 45 anos de idade, dos quais 67% eram homens e 33%, mulheres. A maioria exercia função de liderança ou mantinha vínculo direto com lideranças de suas comunidades, o que demonstra que os ataques são direcionados a figuras estratégicas da resistência quilombola. Dentre as principais motivações dos crimes, destacam-se os conflitos fundiários (35%) e a violência doméstica (24%), ou seja, muitas dessas mortes ocorreram em razão da defesa da biodiversidade e da proteção dos territórios frente a interesses econômicos externos às comunidades.

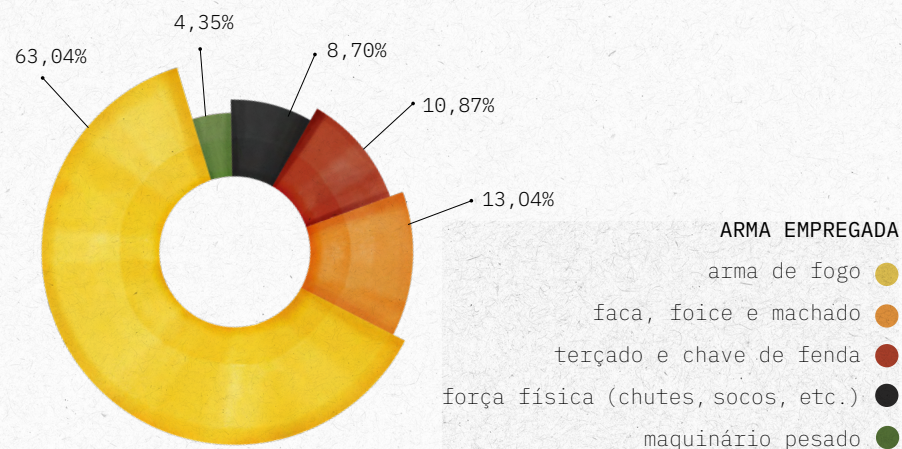
46
MORTES

NÚMERO TOTAL DE ASSASINATOS

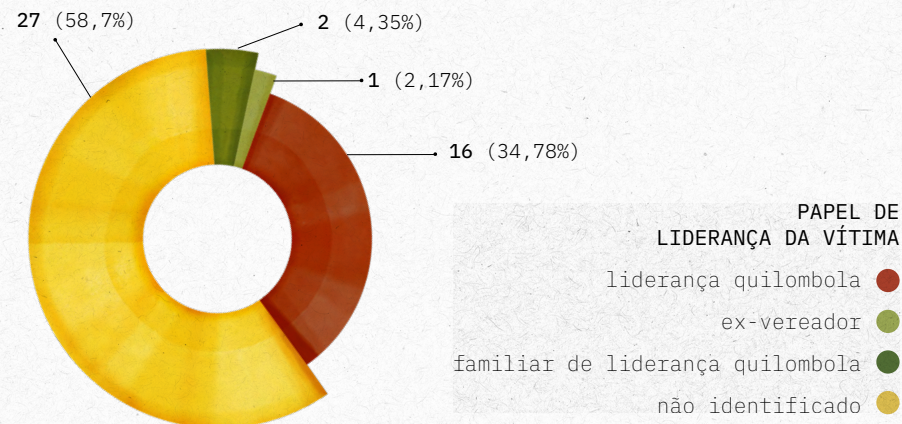
TIPO DE ARMA EMPREGADA NOS ASSASSINATOS:

O principal meio empregado nesses assassinatos foi a arma de fogo (60%), seguido pelo uso menos frequente de armas brancas (24%), em ações quase sempre marcadas por requintes de crueldade e planejamento prévio.

[GRÁFICO 3: ARMA EMPREGADA NOS ASSASSINATOS]



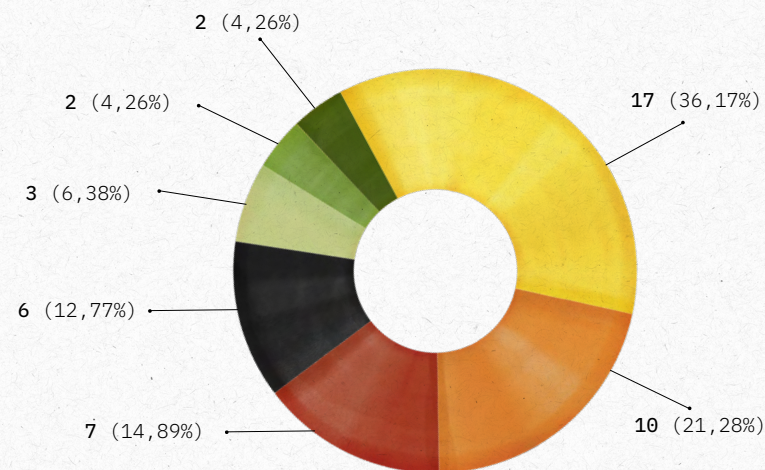
[GRÁFICO 4: PAPEL DE LIDERANÇA EXERCIDO PELAS VÍTIMAS]



PRINCIPAIS AGRESSORES

Os suspeitos de quase metade desses assassinatos (48%) são pistoleiros, terceiros não identificados, vizinhos, posseiros ou proprietários de terras em conflito com as comunidades quilombolas. De forma geral, essas mortes estão relacionadas a execuções por encomenda, mediante contratação de pistoleiros, ou a confrontos diretos com posseiros, fazendeiros, vizinhos e invasores interessados na apropriação dos territórios quilombolas.

[GRÁFICO 5: PRINCIPAIS SUSPEITOS DOS ASSASSINATOS]



SUSPEITOS

- terceiros não-identificado/pistoleiros
- (ex-)companheiro, (ex-)namorados
- outro familiar/pessoa conhecida
- vizinho/posseiro/proprietário de terras
- membro de organização criminosa
- assaltante
- policiais militares/agente penitenciário

PADRÕES DE VIOLÊNCIA

A violência raramente acontece de forma isolada. Muitos assassinatos são antecidos por ameaças, ataques a familiares da liderança ameaçada ou por incêndios criminosos. Em cerca de 31% dos casos, parentes próximos foram baleados, intimidados ou assassinados. Em alguns casos, a vítima já havia sido alvo de tentativas anteriores de homicídio, ou os agressores fizeram ameaças explícitas de retornar para matar outros membros da família.

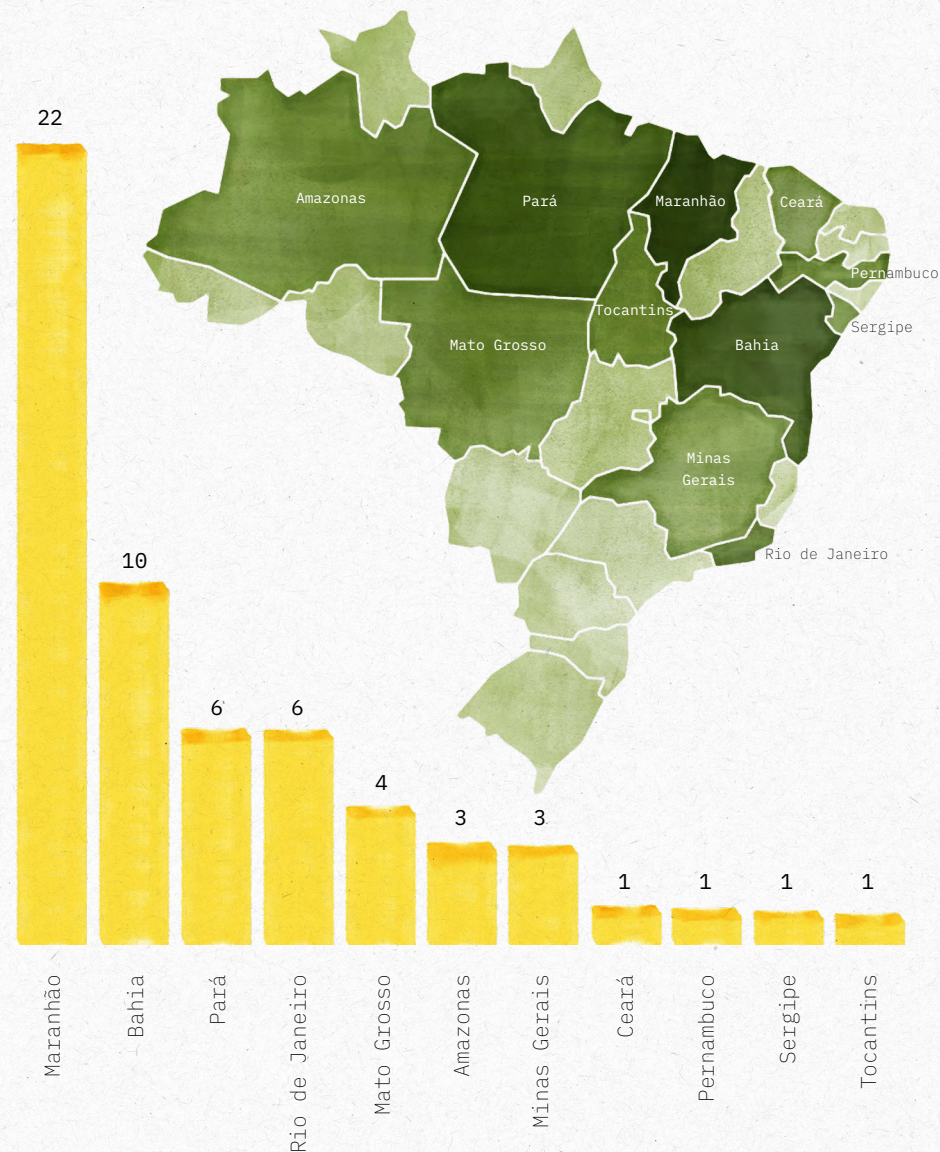
AMEAÇAS

As ameaças contra quilombolas combinam morte anunciada e invasões violentas. Pistoleiros, seguranças privados e até agentes públicos cercam comunidades, destroem casas e roçados, instalam cercas e espalham o terror. A base de dados da CONAQ registrou pelo menos 58 situações de ameaça contra comunidades quilombolas em diferentes Estados do país entre os anos de 2019 e 2024.

Considerando a estimativa populacional do IBGE, isso significa que cerca de 9.800 quilombolas vivem sob o risco constante de morte, em territórios marcados por conflitos intensos, invasões violentas, presença de homens armados, perseguições, destruição de casas, lavouras e ameaças permanentes à vida.

Por trás de cada ameaça está a cobiça pela terra, que se expressa em loteamentos ilegais, extração clandestina de recursos e campanhas de intimidação contra quem lidera a luta pela titulação.

[GRÁFICO 6: NÚMERO DE AMEAÇAS A QUILOMBOLAS POR ESTADO]

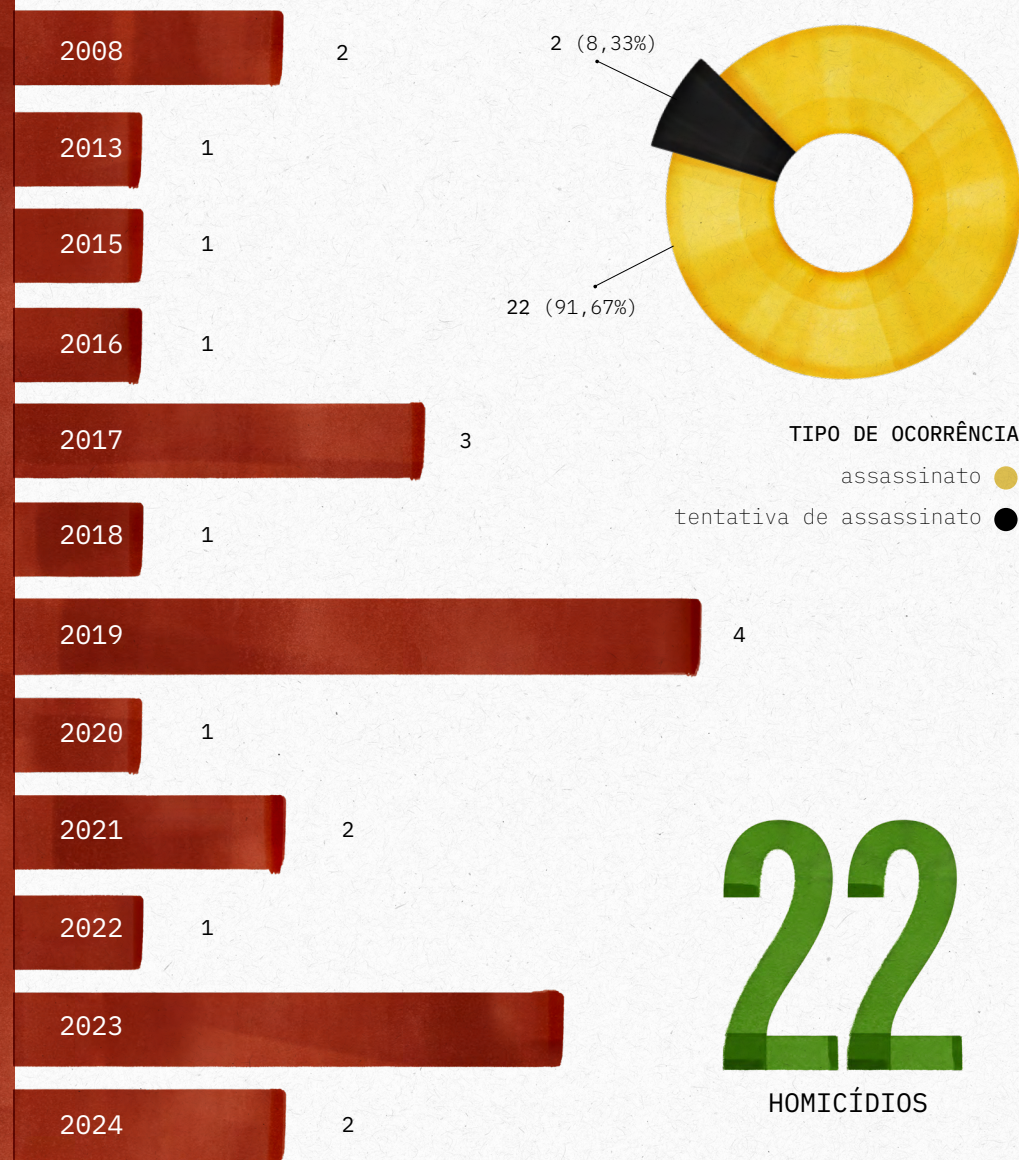


ASSASSINATOS DE MULHERES QUILOMBOLAS (2008-2024)

A CONAQ também realizou o mapeamento sobre os assassinatos de mulheres quilombolas defensoras de direitos humanos entre os anos de 2008 e 2024. **Dos casos recolhidos para análise, tem-se de dois casos de tentativa de assassinato e 22 casos de homicídio de mulheres quilombolas.** A pesquisa revelou que as mulheres quilombolas são submetidas a outras camadas de violência. Muitas são mortas por motivos torpes e banais, em contextos de violência doméstica e familiar, por companheiros que não aceitam o término de suas relações afetivo-sexuais. Outras são perseguidas e vitimadas por exercerem papéis de liderança em seus quilombos, como presidentas de associações, guardiãs da biodiversidade e lideranças espirituais. **Seus assassinatos estão diretamente relacionados tanto a questões de gênero quanto a denúncias ambientais e à resistência à grilagem** – o que as torna alvos por serem mulheres e por ousarem resistir e lutar pelos direitos de suas comunidades.

A partir de 2016, a ocorrência de assassinatos consumados ou tentados de mulheres quilombolas é anual. **De 2016 a 2024, 19 mulheres foram mortas**, ou seja, uma média de dois assassinatos consumados ou tentados por ano.

Homicídios e tentativas de assassinato



ASSASSINATOS COM REQUINTES DE CRUELDADE

A morte violenta de mulheres quilombolas também reserva algumas especificidades quanto aos requintes de crueldade. Em metade dos casos, as vítimas foram atacadas com força física, objetos contundentes, fogo ou veneno, sofrendo torturas e espancamentos até a morte. Em dois episódios, além de espancadas e estranguladas, as vítimas sofreram múltiplas perfurações com facas, foices ou terçados. Em outro, uma mulher foi queimada viva, a ponto de as chamas atingirem sua filha. Nos assassinatos cometidos com armas de fogo ou facas, chama atenção a violência desproporcional empregada, dado que as vítimas são geralmente atingidas por mais de dez disparos ou golpes.

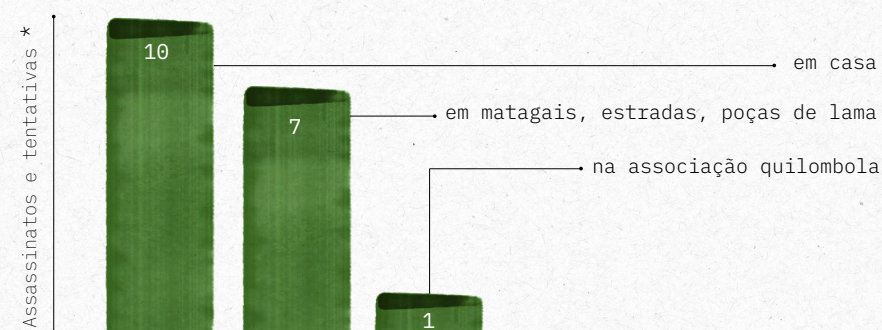
[GRÁFICO 8: SUSPEITO DOS ASSASSINATOS DE MULHERES QUILOMBOLAS]



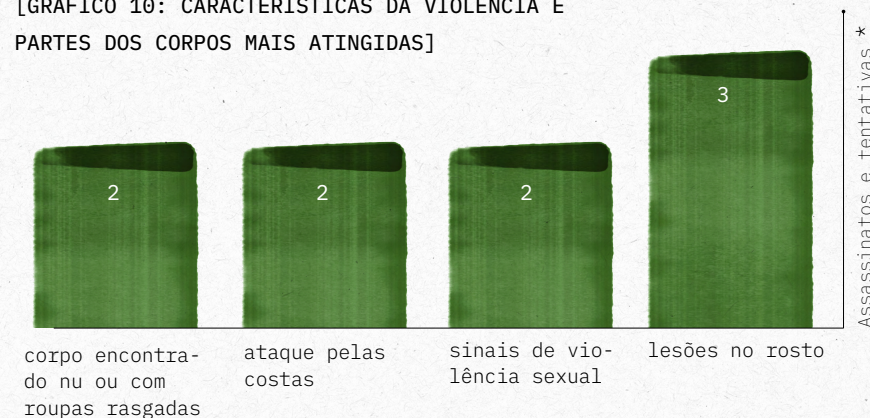
Na pesquisa realizada, identificamos casos em que mulheres quilombolas foram brutalmente violentadas, o que revela um padrão recorrente de crueldade. Muitas foram atingidas com tiros e ferimentos na cabeça e no rosto, tiveram seus corpos

deixados nus ou com as roupas rasgadas, sofreram violência sexual, múltiplas perfurações, disparos e lacerações brutais. Esses padrões se repetem e reafirmam que nem o território nem o corpo da mulher quilombola são respeitados, e que o gênero é, por si só, um fator que agrava a violência.

[GRÁFICO 09: LOCAIS EM QUE O CORPO DA VÍTIMA FOI ENCONTRADO]



[GRÁFICO 10: CARACTERÍSTICAS DA VIOLÊNCIA E PARTES DOS CORPOS MAIS ATINGIDAS]



* Dentre os 24 casos analisados, esses foram os de maior destaque.

EXISTE ESPAÇO SEGURO PARA A MULHER QUILOMBOLA?

Na maioria dos casos (54,55%), os assassinatos foram cometidos em contextos familiares, por companheiros, motivados por razões torpes e banais, como a recusa ao fim da relação, a tentativa de escapar de dívidas ou mesmo a embriaguez. Já em 45,45%, os assassinos eram terceiros sem vínculo familiar com as vítimas. Nestes episódios, destaca-se que mais de 20% dos homicídios consumados ou tentados foram motivados por conflitos fundiários, diretamente relacionados à luta quilombola pela permanência nos territórios.

A idade das vítimas, conforme o levantamento, variava entre 25 a 55 anos. Muitas delas foram assassinadas na frente dos seus filhos e num espaço que deveria ser inviolável: a sua própria casa. Situações como essas geram traumas intergeracionais e são reveladoras de um fato: não existe espaço protegido para a mulher quilombola, tendo em vista que mais de 40% das ocorrências (dez homicídios) foram cometidas na casa da vítima. Nos casos em que os crimes ocorreram fora do ambiente doméstico, os corpos foram encontrados em situações de extrema violação da dignidade: abandonados em poças de lama, matagais ou em áreas isoladas.

**MULHERES
QUILOMBOLAS
SÃO ASSASSINADAS
POR SEREM MULHERES
E POR DEFENDEREM
OS SEUS TERRITÓRIOS**

AMEAÇAS CONTRA MULHERES QUILOMBOLAS DEFENSORAS DE DIREITOS HUMANOS

Entre 2021 e 2023, a CONAQ registrou 33 casos de ameaças e ataques contra mulheres quilombolas defensoras de direitos humanos – quase sempre acompanhados de outros atos criminosos, como a destruição do território, queimadas de casas e lavouras, desmatamento, contaminação de rios e perseguições armadas.

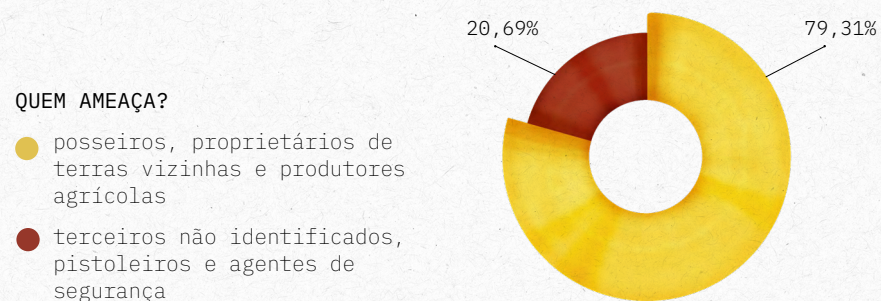
[GRÁFICO 11: NÚMERO DE AMEAÇAS A MULHERES QUILOMBOLAS POR ESTADO 2021 A 2023]



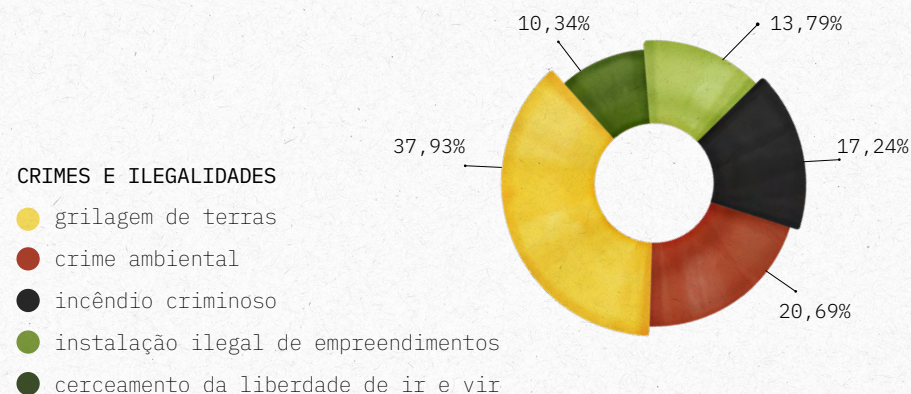
Em outras palavras, os ataques e ameaças contra essas mulheres estão costumeiramente relacionados a ações ilegais e crimes contra o território, como a grilagem, o cercamento de áreas quilombolas, a invasão das casas, o incêndio dos seus pertences e a proibição de uso da terra. Tratam-se de práticas que colocam em risco a vida das lideranças e de comunidades que lutam pela titulação e pela permanência em seus territórios.

Ademais, o controle ilegal do território abre espaço para loteamentos clandestinos, desmatamento para exploração de madeira, destruição de roçados com gado e búfalos e, sobretudo, para a imposição de grandes empreendimentos e projetos de infraestrutura que violam a legislação ambiental e o direito à consulta prévia, livre e informada garantido pela Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT).

[GRÁFICO 12: AUTORES DOS ATAQUES CONTRA MULHERES QUILOMBOLAS]



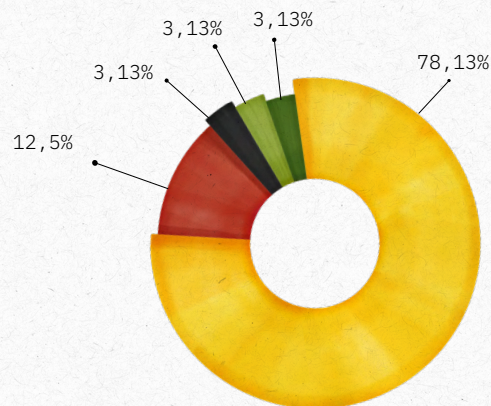
[GRÁFICO 13: CRIMES TERRITORIAIS VINCULADOS AOS ATAQUES CONTRA AS MULHERES QUILOMBOLAS]



[GRÁFICO 14: TIPO DE EMPRESA/ATIVIDADE ECONÔMICA COM AÇÃO DANOSA NOS TERRITÓRIOS QUILOMBOLAS]

TIPO DE EMPRESA/
ATIVIDADE ECONÔMICA

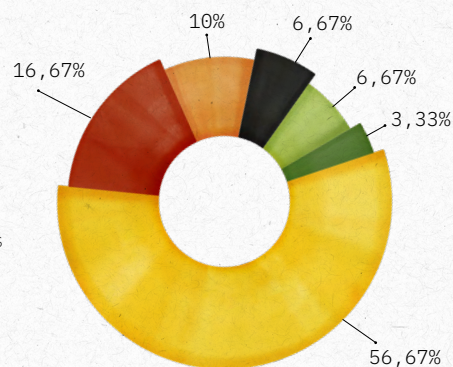
- agroindústria
- projetos de infraestrutura
- carcinicultura
- turismo
- especulação imobiliária



[GRÁFICO 15: DANOS CAUSADOS AO TERRITÓRIO PARA ATACAR MULHERES QUILOMBOLAS]

DANOS AO QUILOMBO

- desmatamento
- incêndios de casas
- destruição de plantações e roçados
- contaminação do mar ou manguezal
- contaminação por agrotóxicos
- contaminação dos corpos hídricos



Os dados apresentados aqui revelam que cada ameaça vem acompanhada da devastação do território, da destruição da ancestralidade e da vida comunitária.

**OS ATAQUES ÀS
MULHERES QUILOMBOLAS
NÃO APENAS
SUA VIDA, MAS COLOCAM
EM RISCO A SOBREVIVÊNCIA
DO QUILOMBO E DE TODO
O ECOSISTEMA.**

FICHA TÉCNICA

ORGANIZAÇÃO: Selma dos Santos Dealdina Mbaye, Vercilene Francisco Dias, Sarah Fogaça da Silva, Nathalia Purificação e Andréa Souza Bomfim.

COORDENAÇÃO EXECUTIVA DA CONAQ: Arilson Ventura, Fabio Fernando de Souza, Florisvaldo Rodrigues da Silva, Ivo Fonseca Silva, José Andrey dos Santos Cardoso, José Silvano Silva Santos, Laura Ferreira da Silva, Maria Isabel Cabral da Silva, Maria Rosalina dos Santos, Núbia Cristina Santana de Sousa, Rejane Maria de Oliveira, Sandra Pereira Braga e Xifroneze Santos.

COMUNICAÇÃO: Nathália Purificação

COORDENAÇÃO DA PESQUISA “ASSASSINATO DE QUILOMBOLAS. AMEAÇAS CONTRA QUILOMBOLAS DEFENSORES DE DIREITOS HUMANOS (2019 - 2024)”: Selma Dealdina Mbaye e Élide Lauris.

EQUIPE: Selma Dealdina Mbaye, Élide Lauris, Sarah Fogaça, Nathalia Purificação, Vercilene Dias e Francys Elisa.
Disponível no site: www.conaq.org.br.

COORDENAÇÃO EDITORIAL E REVISÃO: Brenda K. Souza

PROJETO GRÁFICO E CAPA: Caio Esgario

DIAGRAMAÇÃO: Vinícius Ribeiro e Caio Esgario

Esta publicação foi produzida com o apoio financeiro da União Europeia. O seu conteúdo é de exclusiva responsabilidade da CONAQ e COSPE e não reflete necessariamente a posição da União Europeia.

Realização:



Coordenação Nacional de
Articulação das Comunidades
Negras Rurais Quilombolas



Parceria:



Apoio:



Projeto cofinanciado
pela União Europeia